



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CAMPUS V – JOÃO PESSOA
CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

MARIA RAFAELLA PORTO BATISTA

**O ARQUIVO DO JORNAL A UNIÃO COMO LUGAR DE MEMÓRIA DA
SOCIEDADE PARAIBANA**

**JOÃO PESSOA
2016**

MARIA RAFAELLA PORTO BATISTA

**O ARQUIVO DO JORNAL A UNIÃO COMO LUGAR DE MEMÓRIA DA
SOCIEDADE PARAIBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Arquivologia.

Orientador: Prof. Ma. Claudialyne da Silva Araújo.

**JOÃO PESSOA
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B333a Batista, Maria Rafaella Porto
Arquivos jornalísticos [manuscrito] : o jornal da União como fonte de memória / Maria Rafaella Porto Batista. - 2016.
30 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Claudialyne da Silva Araújo, Departamento de Arquivologia".

1 Arquivo jornalístico. 2. Fonte de memória. 3. Jornal A União. I. Título.

21. ed. CDD 027.69

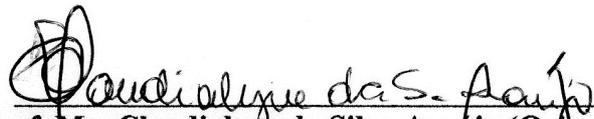
MARIA RAFAELLA PORTO BATISTA

**ARQUIVOS JORNALÍTICOS: O JORNAL DA UNIÃO COMO FONTE DE
MEMÓRIA**

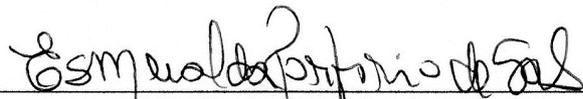
Trabalho de Conclusão de Curso em
Arquivologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em Arquivologia.

Aprovada em: 20/05/2016.

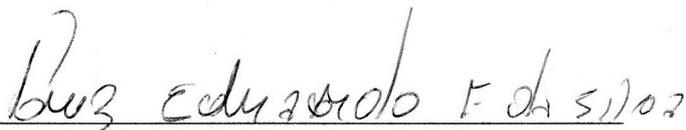
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Claudialyne da Silva Araújo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Esmeralda Profírio de Sales
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Luiz Eduardo da Silva Ferreira
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Ao meu filho Arthur, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade concedida em conseguir finalizar esse trabalho.

Ao meu pai Gilmar, a minha mãe Ismar, a meu esposo pela paciência e compreensão.

À professora Claudialyne Araújo pela orientação ao longo desse período e pela dedicação, atenção e incentivo para continuar com esse projeto.

Ao professor Germano Ramalho pela ajuda na busca de um professor orientador para me acompanhar na finalização dessa Jornada.

Aos professores da Banca Esmeralda Profírio de Sales e Luiz Eduardo Ferreira da Silva por aceitar avaliar e contribuir de forma enriquecedora com esse trabalho.

A memória pode compreender as reminiscências do passado, que revelam no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a aptidão de guardar ou armazenar dados ou informações pertinentes a fatos vividos no passado. (LEAL, 2012).

ARQUIVOS JORNALÍSTICOS: O JORNAL DA UNIÃO COMO FONTE DE MEMÓRIA

Maria Rafaella Porto Batista*

RESUMO

O objetivo do presente trabalho consiste em analisar a reconstituição da memória e a preservação da identidade social paraibana por meio do acervo no arquivo do jornal A União. De forma complementar também buscou-se apresentar elementos relativos a preservação e o resgate da memória da sociedade paraibana, demonstrar o tratamento da informação e verificar as condições em que se encontra o acervo. A justificativa está no fato de ser o jornal mais antigo em circulação no Estado da Paraíba. Os resultados encontrados foram: a comprovação de que o jornal A União contribuiu de forma significativa na construção da memória e da identidade social do Estado da Paraíba, tendo atuado não apenas como veículo de comunicação, mas como formador de profissionais e de opinião para a sociedade; que as informações contidas no seu arquivo possuem um tratamento que permite a localização temporal, porém pouco eficiente quanto a existência de instrumentos de pesquisa que atendam às necessidades dos diferentes tipos de usuário; que o acervo encontra-se preservado quanto à integridade dos documentos, e que há uma iniciativa de digitalização que ainda está em sua fase inicial.

Palavras-Chave: Arquivos Jornalísticos. Memória. Jornal A União.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo, desde sua origem, serviu como fonte de informação e como meio de estabelecer registros de acontecimentos e fatos importantes para toda a sociedade. Nesse sentido, o arquivo jornalístico constitui-se uma rica fonte de informação, podendo ser considerado também como um lugar de memória.

A relação entre memória e sociedade intensificou-se ao longo do tempo. De acordo com Michael Pollak (1992), a memória, constituída pelos acontecimentos do transcorrer da história, é um fenômeno social construído e que integra o sentimento de identidade individual e coletivo.

* Aluno de Graduação em Arquivologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus v.
Email: rafaella.arq@hotmail.com

Se “a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é”, como afirmou Pollak (1992, p. 207). Entende-se assim, que os jornais impressos se constituem em importantes instrumentos para construção e documentação da memória social coletiva. A partir dos registros impressos é possível reconstituir fatos e acontecimentos que integram a história da sociedade.

No entanto, os arquivos jornalísticos só cumprem seu papel na construção da memória quando as informações forem bem organizadas, classificadas, armazenadas e preservadas, pois no momento em que os sujeitos sociais precisarem recuperar a informação (a memória) estes documentos podem ser acessados.

Para aprofundar os conhecimentos sobre o tema de pesquisa, o objeto de investigação centra-se no acervo do arquivo do Jornal A União, editado na cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba, onde se encontram os registros históricos dos fatos considerados os mais relevantes que marcaram a História, com abrangência local, Nacional e Internacional, desde 1893. Acredita-se que o Jornal, por ser o periódico mais antigo em circulação no Estado da Paraíba, possa melhor contribuir para rememorar a História social paraibana.

As informações registradas nas páginas do Jornal A União são uma fonte inesgotável de pesquisa para a sociedade paraibana, pois a partir da leitura dessas informações podemos constatar que fatos e acontecimento importantes, não só do Estado da Paraíba, como também do Brasil e do mundo, encontram-se armazenados em seu acervo.

Neste sentido, o tema em epígrafe mostra-se de grande relevância acadêmica, pois tem como meta a construção de uma ponte entre a reconstituição da memória e a preservação da identidade social paraibana por meio dos arquivos jornalísticos, o que justifica a importância que esta pesquisa representa para a área da Arquivologia.

No tocante a relevância social, espera-se que este estudo possa incitar nas pessoas a importância do arquivo jornalístico para preservar a história social de um lugar, entrando no cerne deste estudo, da memória social paraibana.

Como justificativa pessoal, o interesse pelo jornal se deu, primeiramente pelo fato de ser o jornal impresso mais antigo do Estado da Paraíba, com 123 anos, e segundo pelo fato de possuir um ente familiar que trabalha no jornal, o que facilita o acesso aos arquivos.

Desse entendimento, emergiu o seguinte questionamento e que compreende a problemática desta pesquisa: O Arquivo do Jornal A União atua como instrumento de reconstituição e preservação da identidade e da memória paraibana?

Para o deslinde da questão, o objetivo deste estudo consiste em analisar o resgate da memória e a preservação da identidade social paraibana por meio do acervo no arquivo do jornal A União. Para alcançar o objetivo geral, tem-se os seguintes objetivos específicos:

- Apresentar a preservação e o resgate da memória da sociedade paraibana por meio do arquivo do Jornal A União;
- Demonstrar o tratamento da informação;
- Verificar as condições em que se encontra o acervo.

A base teórico-metodológica do estudo foi fundamentada na perspectiva de alguns autores por meio de pesquisa documental, seguido do estudo de campo. Assim sendo, nossa pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Para a coleta de dados utilizou-se a entrevista parcialmente estruturada.

Os resultados alcançados com a pesquisa foram sintetizados e divididos em dois capítulos. No primeiro capítulo discute-se a memória, imprensa e identidade social, analisando teoricamente a memória individual e memória coletiva e a contribuição do jornalismo impresso para a construção da memória social, além de discutir o papel do jornal na construção da memória social paraibana.

No segundo capítulo abordou-se os arquivos jornalísticos, enfatizando o jornal como documento de arquivo; a imprensa paraibana; e o arquivo do Jornal A União.

Na sequência apresenta-se os dados coletados no Jornal A União e, por fim, são apresentadas as considerações finais do estudo.

2 MEMÓRIA, IMPRENSA E IDENTIDADE SOCIAL

Nos dias atuais, tudo que é chamado de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história (PROJETO HISTÓRIA, 1981, p.15).

A memória pode compreender as reminiscências do passado, que se revelam no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a aptidão de guardar ou armazenar dados ou informações pertinentes a fatos vividos no passado (LEAL, 2012).

Na lição de Michael Pollak (1992), a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, pode-se afirmar que existe uma ligação

fenomenológica bastante estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Neste aspecto, o sentimento de identidade é tomado no seu sentido mais superficial, que é o sentido da imagem de si e para os outros.

A imagem de uma pessoa que uma pessoa adquire ao longo da sua existência referente a ela própria, a imagem que ela edifica e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para se percebida de forma como quer ser notada pelos outros (POLLAK, 1992).

A memória é o elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual, quanto coletiva, na proporção em que ela é também um fator de grande importância do sentimento de continuidade e de coerência de um indivíduo ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992).

O trabalho de enquadramento da memória pode ser levado em consideração na forma de investimento. De certa forma, uma história social da história seria análise desse estudo de enquadramento da memória. Este exame pode ser realizado em organizações políticas, sindicais, nas igrejas, enfim, em todos aqueles ambientes que formam os grupos a solidificarem socialmente.

Segundo Halbwachs, a pessoa que lembra é sempre uma pessoa inserida e habitada por grupos de referência; a memória é sempre constituída e formalizada em grupo, mas é também, sempre um trabalho do sujeito (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993).

Para Halbwachs, uma semente de rememoração pode permanecer um dado abstrato, pode, ainda, constituir-se em imagem e como tal permanecer ou, finalmente, pode tornar-se lembrança viva. Estes destinos dependem da ausência ou presença de outros que se constituem como grupos de referência (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993).

O grupo de referência é um grupo do qual a pessoa já fez parte e com o qual ensejou uma comunidade de pensamentos, identificou-se e confundiu-se seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela chance que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. No entanto, a lembrança é resultado de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993).

Em termos dinâmicos, a lembrança é sempre resultado de um processo coletivo, na proporção em que necessita de uma comunidade afetiva, forjada no “entreter internamente com pessoas” característicos das relações nos grupos de referência. Esta comunidade afetiva é

o que mais permite atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo no passado e retomar o hábito e o poder de pensar, refletir e lembrar como membro do grupo.

Tanto o reconhecimento quanto a reconstrução dependem da existência de um grupo de referência, tendo em vista que as lembranças retomam relações sociais, e não simplesmente ideias ou sentimentos isolados, e que são construídas a partir de um fundamento comum de dados e noções compartilhadas (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993).

Os grupos, no presente e no passado, permitem a localização da lembrança num quadro de referência espaço-temporal que, justamente, enseja a sua constituição como algo distinto do fluxo contínuo e evanescente das vivências.

A memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os quadros sociais nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si.

Desse modo, compreende-se, em parte, a concepção halbwachiana sobre a natureza coletiva da memória.

A impossibilidade de uma memória exclusivamente ou estritamente individual, uma vez que as lembranças dos indivíduos são, sempre, construídas a partir de sua relação de pertença a um grupo. A memória individual pode ser compreendida como sendo, um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas.

Analogamente, memória coletiva consiste no trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. “O resultado deste trabalho é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas que são o conteúdo da memória coletiva” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 291).

Halbwachs ao diferenciar e relacionar memória individual e memória coletiva destaca o dinamismo que Duvignaud (1990, p. 9) expõe em suas palavras:

É impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomamos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de pontos de referência nesta reconstrução que chamamos memória.

Um ponto bastante importante a destacar sobre este dinamismo da memória é a essencialidade da lembrança pessoal como testemunho frente e contra as interferências coletivas. Assim, Franco Cardini (1993, p.8) se expressa da seguinte maneira: “A lembrança não se forma sem a memória coletiva, mas, ao mesmo tempo, a recordação pessoal é uma forma de testemunho que impõe parâmetros ou à ditadura das imagens coletivas”.

Este limite deve ser compreendido no interior mesmo do trabalho da memória, representando que a experiência das pessoas é a ancoragem para a construção contínua e comum que se denomina memória coletiva, cujos conteúdos, por este motivo, não são arbitrários.

A recordação pessoal defronta a ditadura das imagens coletivas ao passo que torna viável que um elemento de aspecto pessoal possa ser ouvido por cima da memória coletiva.

Conforme Halbwachs, a consciência individual é um registrador de influências sociais, mas, ao mesmo tempo, a consciência individual é um obstáculo, algo que nos salva da ditadura (CARDINI, 1993).

A memória individual existe sempre e está atrelada a diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes, e isso enseja uma transposição da memória de seu caráter pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva.

A memória coletiva por sua vez, abrange a memória do grupo e cada componente desse grupo com ela se identifica. O grupo é portador da memória e esta é consensualizada mediante as relações que se formam dentro do próprio grupo. É no cenário dessas relações que formamos as nossas lembranças e elas estão impregnadas das memórias dos que nos cercam, de forma que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as formas como notamos e observamos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências (HALBWACHS, 2006).

2.1 A CONTRIBUIÇÃO DO JORNALISMO IMPRESSO PARA A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL

Na atualidade o mundo vive na era da informação, na qual a maior parte das atividades pode ser facilitada pela utilização de recursos oferecidos pela tecnologia, onde as ferramentas tecnológicas são cada vez mais sofisticadas, os quais oferecem mudanças significativas no cotidiano das organizações.

No decorrer do século XX, de uma forma geral, a mídia e o jornalismo, principalmente, passaram por grandes transformações estruturais. A noção de objetividade passou a se tornar o marco fundamental nesse novo padrão de jornalismo. A opinião passou a ser desvalorizada exatamente por sua natureza subjetiva. A preocupação com a verdade dos fatos passou a ser uma obsessão. A competência do jornalista passou a ser o de informante, transmitir informações com o objetivo de formar, ao invés, de opinar. Tal processo foi

consolidado a partir da década de cinquenta, mas, sem dúvida, foi iniciado no começo do século (RIBEIRO, 2000).

Rabaça e Barbosa (1987) lembram que o jornal surgiu como mediador da informação e sociedade. Para Mannarino (2002, p. 26), os jornais impressos surgiram para serem instrumentos de comunicação na sociedade.

Por serem instrumentos de comunicação, fazem parte do núcleo dos canais de comunicação, uma vez que eles estão relacionados aos meios por onde são veiculadas as informações.

No que diz respeito às notícias, Targino (2009, p. 132) aponta duas vertentes:

- I – produção da notícia, que resulta da interação entre a realidade notada, apreendida e interpretada versus jornalista, que expõe subjacentes os fatores de caráter pessoal, social, ideológica, etc.;
- II – circulação, consumo, efeitos da notícia, em que cabe ao leitor-consumidor imprimir sentido à notícia veiculada, o que depende da aptidão e percepção, carga cognitiva e semântica, ideais e crenças, para dimensionar os efeitos.

A notícia é um produto jornalístico do redator/editor e outros que almejam transmitir fatos e acontecimentos diversos sobre a vida social da sociedade, nos quais os leitores conferem um sentido ao produto final (a notícia), invalidando, desse modo, suas necessidades informacionais, cognitivas, afetivas ou outras.

As notícias são resultados dos acontecimentos que surgem no dia a dia, que, entrelaçados no ambiente midiático-jornalístico, assumem dimensões e roupagens conforme os regimes de visibilidade e noticialidade, que passam a envolvê-los. Existe neste processo, uma ação informadora, fruto da convergência de uma série de forças, tais como: ações pessoais, ações sociais, ações ideológicas, ações tecnológicas, ações culturais, ações físicas e ideológicas; todas elas mutáveis e/ou intercambiáveis, ou seja, nunca estanques (SOUSA, 2002, p. 28).

O jornalismo indiscutivelmente, serve como um formador de opinião, e também, como um cristalizador de visões sobre o real.

Diversos autores têm buscado demonstrar como os meios de comunicação de massa, e, principalmente os jornais, ocupam uma posição privilegiada como formadores e armazenadores de memória social. Desse modo, Pierre Nora (1984) *apud* Ribeiro (1996) afirma que, os jornais podem ser considerados como sendo os construtores e/ou legitimadores de lugares de memória.

Marialva Barbosa (1996) procurou enfatizar de que modo o trabalho jornalístico pode ser pensado como trabalho de enquadramento da memória. O jornalista ao escolher fatos, relegar outros ao esquecimento, buscar a seleção a forma narrativa e ao definir o lugar na página a ser ocupado pelo texto, direcionando um foco subjetivo sobre o acontecimento, mantém como fundamental neste trabalho, imortalizados pelo aprisionamento da palavra escrita, contrapondo os outros que devem ser relegados ao esquecimento.

Em vista disso, para a devida compreensão, de que forma os jornais, como produtos da comunicação de massa, são essenciais na formação e construção de memórias e identidades sociais na sociedade contemporânea, é preciso entender como são formadas as suas práticas discursivas.

Segundo Velho (1981, p. 26-29), “a ideia de pensar como, através da apropriação de um real já fragmentado, é possível construir uma visão, ainda que parcial, capaz de ser confundida com o próprio real”.

Nesse sentido Enne (2004) firma que “É atributo do discurso jornalístico contemporâneo se postular a função de remissor da verdade, testemunha do fato. Portanto, o que se pode verificar é uma apropriação deste real através de estratégias enunciativas, tanto verbais como não-verbais.”

Atualmente, vive-se numa época de cultura da memória, em que predomina a multiplicação de práticas direcionadas para o passado. Alguns exemplos que comprovam isso são as políticas voltadas para a recuperação de centros urbanos, a moda retro, o auge dos programas de documentários no cinema e nas emissoras de televisão. O implemento de novas tecnologias permitiu a incidência da “ânsia do arquivamento”, sendo a obsessão de constituir arquivos sem restrições ou limitações, possível pela evolução da informática.

Os jornais impressos também já foram instrumentos de grande importância na construção de uma memória audiovisual.

As análises dos jornais impressos podem ser eficientes no auxílio a contextualização dos fatos, situações e momentos. Podem também auxiliar o pesquisador a introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de observar a substância original dos impressos.

2.2 O PAPEL DO JORNAL NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL PARAIBANA

O lugar de memória é tudo que resta e que se perpetua de outro tempo ou época, e que se transmitem dados e informações de ritos e costumes passados a atual sociedade, que não

lembram, acabando perdendo o laço com as tradições, e que necessitam desses lugares de memória como “esconderijo”, por não terem mais outras formas de memória.

Segundo Nora (1993, p.13):

[...] museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações [...]. Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.

Em relação aos jornais impressos, do período de 1906 a 1911, não podem ser disponibilizados em decorrência do seu estado avançado de deterioração. Os jornais disponíveis são os constantes a partir de 1912.

O jornal é uma fonte infinita e inesgotável de informações e memória. No entanto, não pode ser analisado de forma isolada, pois, o mesmo fazia parte do sistema político-administrativo, social, cultural e religioso da sociedade paraibana na busca de compreendê-la em sua totalidade exige a busca por informações a respeito da história da Paraíba, do periodismo e da Igreja Católica.

Nas décadas de 10 (dez) e 20 (vinte), a Paraíba era circundada por um sistema político-econômico e social pertencente à República Velha (1889-1930), marcada pela estrutura oligárquica coronelista (a Alvarista – 1889-1915 e a Epitacista 1915-1930). Já nas décadas de 30 (trinta) e 40 (quarenta) outros aspectos pertinentes a Era de Vargas (1930-1945) marcaram a centralização do poder através dos interventores tenentistas estaduais no qual o Estado da Paraíba foi afetada e governada por José Américo de Almeida, Antenor Navarro e Gratuliano da Costa de Brito, Argemiro de Figueiredo e Ruy Carneiro.

No que se refere à Diocese e Arquidiocese da Paraíba, o jornal surge em 27 de maio de 1897 como sendo uma instituição semanária, doutrinária e noticiosa criada por Dom Aducto Aurélio de Miranda Henriques, sendo o primeiro bispo e arcebispo do Estado da Paraíba como estratégia para empregar, no mesmo Estado, o processo de romanização.

Dessa forma, o jornal passou por dois momentos: o primeiro, em 1897 a 1903; e o segundo de 1912 a 1942. Nestas etapas, o jornal distinguiu ou pelo menos deixou de mostrar a definição de linhas editoriais, como em 1912 a 1929 tinha como política editorial, instruir ou doutrinar a população e defender a religião católica e ideologias anticlericais enquanto que seu período, de 1930 a 1942 baseou-se na proposta editorial nos debates sobre o combate a

comunismo ou perigo vermelho e a defesa do integralismo, que, por sua vez, foram resultados da aliança entre a igreja católica, Poder Público (Estadual e oligarquias locais).

O perfil editorial do jornal recriado no estudo, é exposta em dois momentos: perfil doutrinário (décadas de 1910 e 1920) e político (década de 1930 e 1940), no que diz respeito ao perfil doutrinário, os livros divulgados no jornal não apresentaram conflitos, exceto um, que exercendo um cargo de vínculo político.

Com o intuito de proteger e conservar o patrimônio cultural e preservar a memória de João Pessoa surgiram dez instituições-memória. São compostas por academias, arquivo, fundações, museus de documentação.

A responsabilidade social de conservação e preservação da memória compete tanto ao Estado, quanto a sociedade e as instituições. Assumir tal compromisso ou responsabilidade exige a aplicação de recursos financeiros e humanos e implementação de programas de educação patrimonial a serem empregados nos currículos da Escola Formal para que haja conscientização de pertencimento do patrimônio cultural. No entanto, os recursos fundamentais à preservação da informação patrimonial devem ser acrescidos no planejamento da política da administração pública e que a educação patrimonial seja começada a partir dos primeiros anos de vida, com o intuito de internalizar o conceito de preservação do patrimônio cultural (FRAGOSO; AZEVEDO NETTO, 2008).

Tendo em vista o aspecto filantrópico das instituições e a relevância delas para a proteção e preservação do patrimônio cultural e a conservação da memória, nota-se que a sua responsabilidade social precisa sair dos âmbitos institucionais e atingir o planejamento da política da administração pública.

A preservação da memória representa a proteção do patrimônio cultural material e imaterial através de instrumentos de ações tradicionais como Arquivo, Biblioteca e Museu.

É muito importante a criação de instituições para a memória da sociedade paraibana, pois, a memória não existe apenas no ato de lembrar, das pessoas ou algo que está contido nele. Mas, também existe memória nos documentos protegidos por instituições e em monumentos históricos. Tais lugares são também conhecidos como lugares de memória.

3 ARQUIVO JORNALÍSTICO

O jornalismo, desde sua origem, serviu como fonte de informação e meio de estabelecer através da escrita um processo eficaz de registrar suas atividades sociais, políticas, culturais e etc. Registrar fatos e acontecimento marcantes na vida social e coletiva é algo

essencial para manter viva a memória de uma sociedade. Porém, o principal elemento que se faz presente no decorrer de todo esse período é a expressão da opinião, a luta por objetivos através da palavra escrita.

Segundo Lima (apud TRANQUINA, 1999), o jornalismo é entendido como uma prática social, que estabelece relações como o mundo simbólico e com o mundo material dos indivíduos.

O registro em jornais impressos é de suma importância quando utilizado como fonte de acesso a informação, recuperando e disseminando a informação, permitindo assim o acesso a materiais informacionais. A mídia utilizada como instrumento de acesso a informações que circulam diante de toda uma sociedade informacional, tem uma grande importância no esclarecimento ao público sobre questões sociais, ambientais e econômicas, fornecendo subsídios para que o cidadão tenha acesso a informações de um mundo globalizado e esteja atualizado com os fatos publicados diariamente em periódicos de jornais.

Faz-se então necessário ressaltar que, uma característica relevante no que diz respeito a documentos de arquivo mostrando que eles são produzidos com finalidades específicas, para atender a necessidade das instituições.

Para Paes (2007, p.26) documento de arquivo é “aquele que, produzido e/ ou recebido por uma instituição pública ou privada, no exercício de suas atividades, constitua elementos de prova ou de informação. ”

Segundo a conceituação clássica e genérica, documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa, por tanto os artigos de revistas, assim como os artigos de jornais e tudo o que seja produzido por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos pela atividade humana, torna-se evidente do que seja um documento. (BELLOTTO, 2007, p.35)

Então, vale-se ressaltar que o processo de fornecer informações a partir dos dados existentes seja qual for o seu suporte o Jornal sendo um produto da atividade-fim de instituições destinadas à sua produção; repleto de valor informativo pode servir de prova para a instituição e para toda a sociedade.

É essencial definirmos também o que vem a ser informação. Respalando-se em Silva (2002, p. 20), informação é entendida como sendo:

O conjunto estruturado de representações codificadas (símbolos, significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registradas num qualquer suporte material (papel, filme, disco magnético, óptico, etc.) e/ou comunicadas em tempos e espaços diferentes.

A utilização da informação é uma possibilidade de transformar a informação em conhecimento.

3.1 A IMPRENSA PARAIBANA

Em 16 de fevereiro de 1826, surgiu o primeiro periódico paraibano, no governo do coronel Alexandre Francisco de Seixas Machado, presidente da província Parayba, foi publicado o primeiro jornal da Paraíba denominado de Gazeta do Governo da Paraíba do Norte, impresso na typographia nacional da Parahyba. Akexandre Machado transformou o periódico como o porta-voz da sua administração, até entregar o cargo ao seu sucessor. O periódico circulava aos sábados e custava 80 réis o exemplar.

De acordo com os estudos tudo leva a crer que o Gazeta do Governo da Paraíba do Norte, foi o primeiro jornal a circular no estado, inaugurando assim a imprensa paraibana.

Para José Leal, em seu livro *A Imprensa na Paraíba*, relata que o primeiro jornal que foi publicado na Paraíba teria sido “O Português” em 1818, mas com uma duvidosa veracidade, pois a história desse jornal se dar a partir do acontecimento de um naufrágio de um barco inglês que continha materiais gráficos, após esse material ser recolhido se deu inicio as primeiras páginas de O Português que antes circulava em forma de panfleto.

Durante a monarquia circularam no Estado por volta de 50 jornais, onde a maioria registrava orientações políticas, defendendo interesses partidários, uma parte desses jornais seguia a linha de ataque ao poder e outra se colocava em posição de defesa. (ARAÚJO, 1986, p.34)

O segundo jornal que entrou em circulação no Estado foi a *Gazeta Parahybana*, que circulou apenas um ano, nos períodos de 1828 e 1829, foi um órgão de orientação republicana, e marcado também pela primeira publicação de Antônio Borges da Fonseca que pode ser considerado o maior jornalista paraibano.

Araújo registra em seu livro *Paraíba: Imprensa e Vida*, que Antônio Borges da Fonseca foi “o primeiro jornalista do estado perseguido pela censura da imprensa”.

Após a circulação repentina do jornal *Gazeta Parahybana*, surgiu no estado o *Petiguaré*, que também passou pouquíssimo tempo em circulação e logo em seguida no ano de 1830 surgiu o *Correio da Parahyba*, que era impresso em Recife – PE, editado por Gabriel Getúlio Mendonça que na época era presidente da província, assim como *Gazeta do Governo da Paraíba do Norte* era editado para divulgar os feitos da administração, ao assumir Francisco

José Meira não continuou publicando esse periódico. Já em 1832 após o Estado ter permanecido sem jornal em circulação, Borges da Fonseca lança O Repúblico. Daí por diante o estado começa a imprimir vários periódicos, após a fundação da tipografia do português José Rodrigues da Costa.

Utilizaremos o quadro a seguir para demonstrar os primeiros periódicos que circularam no estado.

Quadro 1: Primeiros Periódicos que circularam no estado

Ano	Nome do Periódico	Observações
1826	Gazeta do Governo da Paraíba do Norte	Considerado como o primeiro periódico em circulação na Província.
1828	Gazeta da Paraíba	Órgão de Orientação Republicana
1829	O Pintiguaré	
1832	O Repúblico	

Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

3.2 O ARQUIVO DO JORNAL A UNIÃO

O Jornal A União surgiu em dois de fevereiro de 1893 como órgão oficial do Partido Republicano, na época conduzido pelo presidente da província Álvaro Lopes Machado.

Ao fundar A União o então presidente Álvaro Machado tinha como pensamento a importância política da Imprensa Oficial do Estado, enquadrando a Paraíba em sua política de preservação da Federação

Considerado por muitos como a maior escola de jornalismo da Paraíba e como a primeira universidade do Estado pelo ministro José Américo de Almeida.[†]

Para Coelho (1993, p.A2):

A União marcou o nascimento de uma escola de formação intelectual, da qual saíram inúmeros alunos brilhantes que se puseram a serviço da sociedade, pela força do trabalho e pela intensidade da inteligência de cada um.

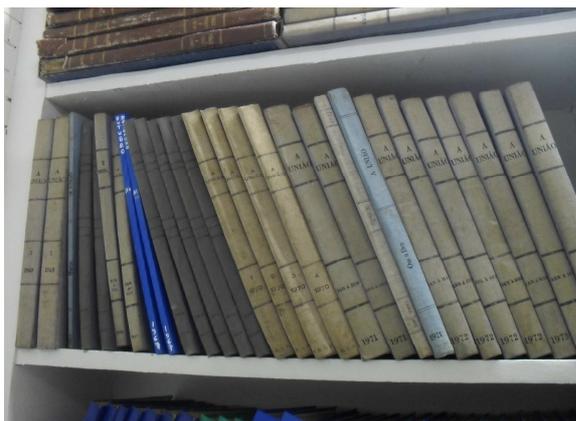
[†] A União pode se orgulhar de ter servido de elo para reunir em suas fileiras figuras expressivas da cultura paraibana, a exemplo de Álvaro Machado, José Lins de Rêgo, Epitácio Pessoa, Augusto dos Anjos, o próprio ministro José Américo e tantos outros.

A fundação de um Jornal, naquele tempo representava um avanço para a província, indo de encontro à modernidade, o jornal nasceu como resultado de situações políticas; manifestações de modernização dos costumes provincianos, na verdade a Paraíba necessitava de um veículo de informação.

O Jornal tem um papel fundamental na historia da Paraíba, são 123 anos de prestação de serviços à população, é o periódico mais antigo em circulação no Estado da Paraíba, e aparecendo também como o terceiro jornal mais antigo em circulação no Brasil.

O arquivo do jornal A União conta com exemplares desde o ano de 1904 que, registrando todos os fatos e acontecimento históricos ocorridos não só no estado da Paraíba, como também no Brasil. Os periódicos do jornal a união que circulam diariamente no estado da Paraíba, encontram-se organizados em forma de coleções, encadernadas mensalmente.

Foto 1: Periódicos do jornal a união



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Sabe-se da grande deficiência existente no Brasil e mais precisamente na Paraíba dos profissionais da área de arquivologia, onde o papel do arquivista muitas vezes está sendo exercida por profissionais bibliotecarios, e no arquivo do jornal a união por muito tempo esse papel foi desempenhado por três funcionários que possuem apenas o ensino médio, mas com uma experiência entre 30 e 32 anos colaborando com a organização do acervo, onde esses funcionários estavam sempre procurando participar de cursos da area de arquivologia para aprimorar seus conhecimentos. Até que há dois anos uma estudante do Curso de Arquivologia foi contratada com estagiaria e agora efetivada como prestadora de serviço vem desempenhando o trabalho arquivista.

Foto 2: Estantes de alvenaria

Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

No que diz respeito ao edifício e ao mobiliário do arquivo do jornal A União, os periódicos encontram-se armazenados em estantes de alvenaria, onde o correto seria estarem armazenados em estantes deslizantes à prova de fogo. A infra-estrutura do local do arcervo possui boa condição de iluminação, mas a climatização não está adequada, haja vista observamos a existência de um ar condicionado, e tal equipamento ser desligado diariamente durante a noite, provocando uma oscilação na temperatura do local.

De acordo com os funcionários do arquivo do jornal a união, o serviço atende a pesquisadores, trabalhando no dia-a-dia com pesquisas na área escolar, e de estudantes universitários de variados cursos, principalmente do curso de história, que procuram nos periódicos fatos e acontecimentos marcantes da história.

O jornal A União por ser um jornal político e partidário, a cada mudança de gestão, é alvo de indagações a respeito do seu valor para o governo, e assim muitos acreditam que o jornal a união traz prejuízo aos cofres públicos.

3 METODOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo definir a metodologia que foi utilizada na pesquisa, bem como apontar quais ferramentas serão utilizadas na condução e análise dos resultados.

Nesse aspecto, a pesquisa classifica-se como documental que, de acordo com Rodrigues (2006, p.89):

É realizada por meio de fontes primárias, utilizando documentos que ainda não receberam tratamento analítico, como fotografias, testemunhos, manuscritos, atas parlamentares, registros de nascimento, gravações, leis, diários, registros de automóveis etc.

Utilizamos esta classificação, pois a pesquisa foi realizada por meio de uma observação direta, através da aplicação de entrevistas *in loco*, e posterior análise dos dados coletados por meio destes procedimentos.

Quanto à abordagem, a pesquisa assumiu as características do método qualitativo. Respaldo-se em Rodrigues (2006, p. 90), a pesquisa qualitativa é entendida, “quando não emprega procedimentos estatísticos ou não tem, como objetivo principal, abordar o problema a partir desses procedimentos”.

Utilizamos o método qualitativo, pois este se mostra o mais adequado para atingir o objetivo da pesquisa sobre a construção da memória social paraibana a partir do arquivo do jornal “A União”.

Com base na abordagem, o estudo tem como tipo a pesquisa exploratória, que é definida por Gil (2008, p.41) da seguinte forma:

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Utilizamos a pesquisa exploratória, pois pretendemos aprimorar as informações obtidas através das respostas dadas pelo entrevistado e discutir possíveis soluções para problemas encontrados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A entrevista foi realizada de acordo com a disponibilidade do entrevistado, onde foi utilizado um roteiro de entrevista pré-estruturada.

Dividimos a entrevista em 4 blocos. O primeiro bloco teve como objetivo a identificação da entrevistada, Ana Cristina Coutinho, contratada pelo Jornal A União como arquivista, aluna concluinte do Bacharelado em Arquivologia na UEPB, tendo iniciado sua jornada de trabalho como estagiária do arquivo e efetivada como Arquivista no regime de Prestação de Serviços.

No segundo bloco, ao ser indagada sobre os *fatos importantes que poderiam ser encontrados nos arquivos* a entrevistada colocou que o acervo possui uma grande abrangência

de conteúdo, mas existe um que chama a sua atenção e a dos usuários mais comuns – a morte de João Pessoa, conforme ela mesma explica: *“Todos os principais fatos que aconteceram no Brasil e no mundo a partir 1893 até hoje, mas o que a gente sempre mostra quando vem visitantes é o fato da morte de João Pessoa”*.

Constata-se ao visitar o acervo do arquivo do jornal A União, a existência de uma grande quantidade de material que permite conhecer e recordar fatos acontecidos no estado da Paraíba, no Brasil e em todo o mundo. Haja vista a preocupação presente desde as primeiras edições, em publicar informações de todos os acontecimentos que pudessem influenciar a vida dos paraibanos, independente do local onde eles acontecessem.

Na busca por entender as práticas relacionadas as condições do acervo e as iniciativas de preservação dos documentos, a seguinte questão foi apresentada: *Esses documentos estão preservados? Quais as formas de preservação utilizadas?*

[...] Sim, é tanto que muitas coleções as primeiras não existem mais aqui no arquivo para consulta, são poucas que temos disponíveis aqui no arquivo 1901,1904 mas pra consulta só a partir de 1930 até os dias atuais, pra preservar mais a instituição está com o projeto de digitalização do jornal, onde os jornais do ano de 1930 até 1937 já estão sendo digitalizados e estão disponíveis no site os anos de 1930, 1931, 1932.

Observa-se na fala da entrevistada uma insegurança e incerteza ao responder sobre a preservação desses arquivos, pois ela fala que estão preservados, mas ao mesmo tempo mostra que existem poucas coleções disponíveis desde a fundação do Jornal, onde só a partir de 1930 podemos contar com esses documentos para consulta.

Investigando-se a relação do jornal A União na reconstituição da identidade e memória paraibana, perguntou-se: *Quem são os pesquisadores do arquivo?* A arquivista respondeu que *“A grande maioria são pesquisadores internos, como os jornalistas. Mas recebemos também muitos estudantes universitários do curso de história por exemplo”*.

Identifica-se aqui a grande importância que o arquivo tem não só para os próprios jornalistas da instituição, mas também para pesquisas universitárias, ajudando assim a construção da história social do nosso Estado. Este fato é corroborado por Coelho (1993, p.A2) que diz:

A União marcou o nascimento de uma escola de formação intelectual, da qual saíram inúmeros alunos brilhantes que se puseram a serviço da sociedade, pela força do trabalho e pela intensidade da inteligência de cada um.

Isto é, o acervo do jornal A União foi de fundamental importância para auxiliar na construção da memória da cidade de João Pessoa e do Estado da Paraíba, pois foi através dos documentos do seu acervo que jornalistas puderam obter as fontes necessárias para o entendimento dos fatos relevantes da História, sobretudo na época onde a velocidade da informação não era tão grande quanto é nos dias atuais.

Além disso, mesmo com a grande quantidade de canais de informação existentes na atualidade, o acervo continua a servir como fonte de pesquisa para alunos de graduação de diversos cursos, ratificando ainda mais a sua posição como fonte de informações seguras sobre a história e memória da sociedade paraibana.

No terceiro bloco perguntamos sobre *o grau de importância do arquivo, e a entrevistada respondeu:*

O máximo, porque aqui guarda toda história da Paraíba principalmente, a nossa evolução arquitetônica está muito bem explicada no jornal, por exemplo se você for pesquisar o ponto de cem reis, a lagoa, a própria estrutura do jornal os prédios anteriores, então aqui detém toda a história e muita coisa não tem em livros, tem muita coisa que só vai encontrar aqui.

Paes (2007, p.26) define documento de arquivo como “aquele que, produzido e/ ou recebido por uma instituição pública ou privada, no exercício de suas atividades, constitua elementos de prova ou de informação.” No caso do acervo do jornal A União, sabe-se que os documentos ali contidos foram produzidos por um órgão público com a finalidade de informação, e são elementos de prova da história do próprio jornal, bem como da cidade, do estado e também do país. A história da Paraíba não pode ser escrita sem uma consulta detalhada aos arquivos do jornal A União, já que foi por ele registrada os principais acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais do estado de 1893 até os dias atuais. A riqueza do seu conteúdo, juntamente com a potencialidade que possui como fonte de informação reforçam a sua importância como arquivo e como lugar de memória.

No quarto e último bloco foi abordado a percepção crítica da entrevistada, onde foi indagada *sobre as melhorias que a entrevistada gostaria de realizar no acervo.*

As melhorias já estão sendo realizadas, como por exemplo as fotos que estavam armazenadas em pastas suspensas e agora já estão sendo tratadas, descrevendo e armazenadas de forma adequada além da higienização. Eu queria mesmo era os armários deslizantes que é o sonho.

O cuidado com o acondicionamento correto dos documentos de acordo com o seu suporte, sobretudo quando se trata de documentos com valor histórico tão elevado, é premente para o arquivo do jornal A União, mas existem diversas questões que também merecem atenção e podem ser objetivo de futuras pesquisas, tais como a inexistência de instrumentos de pesquisa que atendam aos interesses dos diferentes tipos de usuários da informação.

Quando questionada sobre *a principal dificuldade encontrada no seu ambiente de trabalho*, a entrevistada apontou a falta de investimentos como a sua principal dificuldade, e destacou que o fato do jornal ser um órgão público colabora para o baixo nível de investimentos. Ainda assim, pensa e trabalha com o material que já existe, aproveitando-o e organizando-o de maneira eficiente com poucos gastos.

Um exemplo disso é como estão sendo armazenadas as fotos, criamos um modelo de caixa com a ajuda do professor Eutropio e a própria instituição faz, o material foi o próprio da instituição e uma pessoa do setor de artes da gráfica ela mesmo faz.

Percebe-se na fala da entrevistada um forte interesse na realização de melhorias que facilitem o acesso aos documentos do acervo. Essas melhorias tornariam realidade o processo de gestão da informação, onde o usuário poderá recuperar as informações de forma rápida e eficaz. Assim o arquivo poderá cumprir a sua missão e ainda contribuir para a preservação da memória da instituição e do estado da Paraíba.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal A União tem um papel fundamental na história da Paraíba, são 123 anos de atuação prestando serviços à população, é o periódico mais antigo em circulação no estado, e aparecendo também como o terceiro jornal mais antigo em circulação no Brasil.

A União ajudou os paraibanos a formarem uma consciência democrática a respeito das relações políticas, mas não foi só no trabalho de divulgação de acontecimentos ou de formação da opinião pública que o jornal se destacou. Destacou-se também, durante a época em que não havia centros de formação acadêmica para os profissionais da imprensa, já que foi o jornal A União quem atuou como “universidade”, criando profissionais competentes que colaboraram com o Estado e com o país, na missão de informar a opinião pública e registrar os acontecimentos diários.

No que se refere ao tratamento da informação observamos no acervo que os documentos vêm recebendo cuidados, visando a recuperação da informação de forma mais eficiente, pois vem sendo aplicada a digitalização de todo o acervo, o que tonará a consulta mais organizada e rápida. Observou-se ainda que o acervo se encontra organizado utilizando o método de arquivamento cronológico, onde são arquivados levando em consideração o mês e o ano do documento, porém seria de muita importância um arquivamento por assunto, facilitando assim a pesquisa de usuários em busca de informações mais precisa.

Percebe-se que o arquivo do jornal A União colabora para a reconstituição e preservação da identidade e memória paraibana, pois podemos encontrar em suas páginas registros importantes da história da Paraíba, seja ela na política, na cultura e também na religiosidade paraibana.

JOURNALISTIC FILES: THE NEWSPAPER OF THE UNION AS MEMORY
SOURCE

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the recovery of memory and preservation of Paraiba social identity through the acquis in the newspaper archive The Union. Complementarily also sought to provide evidence of the preservation and recovery of memory of Paraiba society demonstrate the processing of information and to check the conditions in which it is the acquis. The justification lies in the fact of being the oldest newspaper in circulation in the State of Paraiba and the existence of a family who works in the institution. The results were the proof that the newspaper The Union has contributed significantly in the construction of memory and social identity of the State of Paraiba, having worked not only as a vehicle of communication, but as a trainer of professionals and opinion for society ; that the information contained in your archives have a treatment that allows the temporal location, but not very efficient as the existence of research tools that meet the needs of different user types; the collection is preserved the integrity of the documents, and that there is a digitization initiative that is still in its initial.

Keywords: Journalistic Archives. Memory. The Union newspaper.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis de. ET AL. **Paradigmas Contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal**. Revista Eletrônica Informação e Cognição, v.6, n.1, p.16-27, 2007.

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: Imprensa e Vida**. 1986.

BARBOSA, M. Imprensa, poder e público. Niterói, RJ. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, 1996.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. Reimpressão – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007

CARDINI, F. **A memória coletiva no pensamento de M. Halbwachs**. Conferência proferida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 10 de novembro de 1993.

CRESPO, Antonio Arnot. **Estatística fácil**. 19. Ed. Atual. – São Paulo: Saraiva, 2009.

DUVIGNAUD, J. Prefácio. In: Halbwachs, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

ENNE, A. L. S. **Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional**. Revista Fronteiras - estudos midiáticos, v. 6, n. 2, p. 101-116, jul./dez. 2004.

FRAGOSO, I. da S.; AZEVEDO NETTO, C. X. de. **Instituições-Memória na Cidade de João Pessoa**. 2008. Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br/ctcm/anais/anais_ctcm/38_instit_paraiba.pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª Ed. 11 reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

Jornal a união, edição especial. In: João Pessoa, 02 de fevereiro. 1993

LEAL, José. **A Imprensa na Paraíba**. Editora A União.

LEAL, L. A. M. **Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs**. 2012. Disponível em: <<http://www.letas.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015.

LIMA, Maria José Cordeiro de. **Arquivos Jornalísticos como Lugar da Memória Cultural Paraibana**. I Fórum Internacional de Arquivologia, João Pessoa, p. 1-15, 2008.

MANNARINO, M. V. R. **O jornal Impresso**. In: _____. O papel do Webjornal: veículo de comunicação e sistema de informação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. Cap.1.

NORA, P. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Revista Projeto da História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n.10, p.9-28. dez. 1993.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. 1992. Disponível em: <http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 24 set. 2015.

PROJETO HISTÓRIA. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP**. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 1981.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

RIBEIRO, A.P.G. **A história do seu tempo: a imprensa e a produção do sentido histórico**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Rio de Janeiro ECO/UFRJ, 1996.

RIBEIRO, A.P.G. **Imprensa e história do Rio de Janeiro dos anos 50**. Tese (Doutorado em Comunicação), Rio de Janeiro, 2000.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.

SILVA, Armando Malheiro. RIBEIRO, Fernanda. RAMOS, Júlio. REAL, Manuel Luís. **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. 2ª edição. Porto. Edições Afrontamento, 2002.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs: **memória coletiva e experiência**. Psicologia USP, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 285-298, 1993.

TARGINO, M. das G. **Jornalismo cidadão: informa ou deforma?** Brasília: UNESCO, 2009.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.